

A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO USO DE DROGAS ENTRE OS
ADOLESCENTES

Maria Cristina Pereira e Telma Souza Santos

Orientador: Prof. Ms. Fernando Figueiredo dos Santos e Reis

Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica

Nota das autoras

Maria Cristina Pereira¹ Telma Souza Santos² Fernando Figueiredo do Santos Reis³

^{1 2} Graduandas em Psicologia pelo Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica

³ Psicólogo Psicanalista Professor Mestre em Psicologia Social

Correspondência referente a este artigo deve ser enviada para o curso de Psicologia do

Centro Universitário de Anápolis-UniEvangélica Av Universitária Km 3,5 Cidade

Universitária Anápolis-Go Cep:75070-190 Caixa postal 122 ou 901 E-mail

telmass@hotmail.com cristinaaparatto@hotmail.com

2018

Resumo

O objetivo deste artigo foi pesquisar a influência da família no uso de drogas entre os adolescentes, para uma melhor compreensão do fenômeno e para fornecer subsídios a futuras pesquisas acerca do assunto, que é de total relevância para os envolvidos e para a sociedade como um todo. Os resultados foram obtidos através de pesquisas bibliográficas com os descritores: família, drogas e adolescentes. Diante desse contexto, buscamos uma melhor compreensão do vínculo familiar, juntamente com suas crenças, culturas e valores, como também buscamos destacar as transformações físicas, psíquicas, biológicas e sociais que envolvem a adolescência, com o intuito de trazer a sociedade e o Estado como coadjuvantes, na perspectiva de oferecer aportes às políticas públicas como fator de proteção para estes adolescentes. Esses questionamentos não se esgotam, ampliando a literatura sobre o tema na tentativa de obter entendimento diante das incertezas de uma problemática tão recorrente como o uso de drogas entre adolescentes.

Palavras-chave: família, drogas, adolescentes.

A Influência da Família no Uso de Drogas Entre os Adolescentes

Maria Cristina Pereira

Telma Souza Santos

Introdução

Temas que integram família, drogas e adolescentes são rotineiros, tanto no senso comum como nas práticas profissionais e acadêmicas em psicologia. Estas práticas rotineiras que refletem hoje o comportamento dos adolescentes diante do consumo de drogas trazem à tona um jogo de reflexões múltiplas, tanto na formação da identidade desse adolescente como também nas suas relações sociais. Entretanto, quanto mais se discute o assunto, mais ele se mostra campo difícil, controverso e repleto de nuances (Lins & Scarparo, 2010).

Neste artigo optou-se pela realização de uma pesquisa qualitativa de natureza descritiva e conceitual. De acordo com Neves (1996), a pesquisa qualitativa não busca enumerar ou medir eventos, ela serve para obter dados descritivos que expressam os sentidos dos fenômenos. Tal pesquisa foi desenvolvida a partir de levantamentos bibliográficos, com os descritores: família, drogas e adolescentes, utilizando artigos científicos, livros e dados institucionais, com o objetivo de entender e encontrar fundamentação teórica e conceitual que dão ensejo ao fenômeno.

Diante da multiplicação de problemas que nos apresenta a drogadição, muitas das pesquisas disponíveis nos possibilitam uma reflexão diante da diversidade de dados, posicionamentos e contradições que caracterizam esta temática, e o modo como os fenômenos associados a ela se manifestam (Lins & Scarparo, 2010). Essa compreensão múltipla e multidimensional existente no resgate das relações como parte da construção do conhecimento e da identidade é uma alternativa que nos coloca numa posição de estranheza, diante da complexidade de diversos fatores que culminam na elaboração de caminhos para o entendimento desse processo (Lins & Scarparo, 2010). Essas alternativas que propõem o resgate das relações sociais, entre grupos e indivíduos, possibilitam movimentos de ampliação e atualização de questionamentos, visões simplificadoras da ciência e fragmentação dos fenômenos (Morin, 1998, 2005, citado por Lins & Scarparo, 2010).

A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO USO DE DROGAS ENTRE OS ADOLESCENTES

De acordo com Oliveira, Souza e Macedo (2013), alguns fenômenos da vida são inevitáveis, tais como o nascimento, a construção das funções mentais e a noção de “si mesmo”. O crescimento é inevitável. A dúvida está em qual direção este crescimento irá. Podemos falar que um fator importante para este crescimento se faz de um conjunto de experiências primárias de relação entre o indivíduo e seu vínculo familiar:

[...] disparados os fenômenos da vida - a fecundação, por exemplo – o nascimento será inevitável, se o encaminhamento for na direção da vida. Não só o nascimento dos indivíduos, mas também o nascimento das funções mentais, inclusive o nascimento da noção do “si mesmo”. Assim como o nascimento, a atuação das forças do crescimento é inevitável. A questão é saber qual a direção desse crescimento. Se pudermos falar de um fator decisivo para esse crescimento, tal fator será formado pelo conjunto das experiências primárias de relação, sem deixar de lado, é claro, o fator constitucional genético (Oliveira, Souza, & Macedo, 2013, p. 104).

Partindo dessa premissa, qual a influência da família no uso de drogas entre adolescentes?

Na adolescência, o consumo de drogas é um comportamento de risco que tem alarmado os pesquisadores. Além de apresentar altos índices, tem sido cada vez mais precoce (Pratta & Santos, 2012). A compreensão psicodinâmica dos adolescentes, de uma forma abrangente, tem sido um desafio para os profissionais da saúde mental, sobretudo os que utilizam substâncias psicoativas (Pratta & Santos, 2012). O mundo contemporâneo vive esvaziamentos simbólicos da herança cultural, como por exemplo a ideologia individualista, a intensificação do hedonismo e a massificação do consumo (Lins & Scarparo, 2010). Esses questionamentos não se esgotam. Buscamos aqui levantar indagações e reflexões sobre o tema, na tentativa de obter argumentos diante das incertezas de uma problemática tão recorrente como o uso de drogas entre adolescentes. Diante dessa discussão, para uma melhor compreensão da influência da família no uso de drogas entre os adolescentes, discutiremos o fortalecimento do vínculo familiar, juntamente com suas crenças, culturas e valores, como também traremos a sociedade e o Estado como coadjuvantes, para suscitar subsídios às políticas públicas como fator protetivo para estes adolescentes.

Drogas e Adolescentes

A palavra droga origina-se do holandês antigo que significa folha seca. Isto porque, antigamente, a maioria dos medicamentos era à base de vegetais. Qualquer substância que é

A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO USO DE DROGAS ENTRE OS ADOLESCENTES

capaz de modificar a função dos organismos vivos, resultando em mudanças fisiológicas ou de comportamento, é chamada de droga, conceituada esta da qual derivaram várias outras, como drogas psicotrópicas. Psico, palavra grega que significa psiquismo (o que sentimos, fazemos, pensamos); trópico relaciona-se com tropismo (ter atração por). Psicotrópico = atração pelo psiquismo. Portanto, droga psicotrópica é aquela que atua sobre o cérebro, alterando de alguma forma o psiquismo (Departamento de Psicobiologia da Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina- UNIFESP/EPM).

Elas atuam diretamente no sistema nervoso central (SNC), podendo causar alterações comportamentais, de humor, de cognição, de percepção e, segundo seu mecanismo de atuação no SNC, podem ser classificadas em três categorias: 1- depressoras: provocam redução da atividade cerebral, levando ao relaxamento; 2- estimulantes: provocam um aumento da atividade cerebral, fazendo com que o estado de vigília se prolongue; 3- perturbadoras: perturbam a fisiologia do SNC, podendo provocar distorção na percepção das cores e formas, além de provocarem delírios, ilusões e alucinações (Galduróz *et al.*, 1997 citado por Pratta & Santos 2006). Além disso, as drogas possuem propriedades extremamente prazerosas, podendo, portanto, levar à dependência.

A dependência de drogas é considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma doença que requer cuidados específicos. Como qualquer outra doença, ela pode ser tratada e controlada, devendo ser encarada, simultaneamente, como uma doença médica crônica e um problema social (Pratta & Santos 2006). Entretanto, há uma resistência muito grande, tanto por parte dos próprios dependentes quanto por parte dos familiares, em aceitar que o consumo de drogas é uma doença (Drummond & Drummond Filho, 1998 citado por Pratta & Santos 2006). Segundo a OMS, a dependência de drogas corresponde a um estado mental, e muitas vezes, físico, que resulta da interação entre um organismo vivo e uma droga. Caracteriza-se por comportamento que sempre inclui uma compulsão de tomar a droga para experimentar seu efeito psíquico e evitar o desconforto provocado por sua ausência (Silveira Filho, 1995 citado por Pratta & Santos, 2006).

Para o *DSM V* (American Psychiatric Association, 2014), a característica primordial da dependência de substâncias corresponde à presença de um conjunto de sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos, que evidencia que o indivíduo continua a utilizar uma determinada substância, apesar dos problemas significativos relacionados a mesma. Ressalta-se ainda que a dependência pode ser considerada como uma doença fatal, uma vez que a droga destrói diretamente o organismo, afetando a saúde do indivíduo, podendo

A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO USO DE DROGAS ENTRE OS ADOLESCENTES

provocar-lhe danos irreversíveis e até mesmo a morte por overdose. Além disso, o indivíduo dependente, estando sob o efeito da droga, pode envolver a si mesmo e aos outros em situações de risco (Drummond & Drummond Filho, 1998 citado por Pratta & Santos, 2006).

O consumo abusivo de álcool e drogas, segundo Pratta & Santos (2006), corresponde a um problema estratosférico, a nível mundial, envolvendo diversas instâncias de ordem social e de saúde pública. Poucos fenômenos sociais acarretam tantos prejuízos como o uso abusivo de álcool e drogas, incidindo em mais custos para a justiça e para a saúde. Dificuldades familiares e de ordem social também repercutem na mídia em geral como fatores de violência, que estão atrelados à grande escalada de mortes entre adolescentes, sejam essas em disputa de territórios para a venda de drogas ou do outro lado, vitimando-os na condição de usuários inadimplentes. O consumo de drogas psicoativas é considerado problema de ordem social, não somente em função de sua alta frequência, mas principalmente devido às consequências prejudiciais para saúde dos indivíduos e, conseqüentemente, para a sociedade (Roehrs, Lenardt, & Maftu, 2008). De acordo com Duarte, Stempliuk e Barroso:

No levantamento de dados, no ano de 2007, 4,3 óbitos por 100.000 habitantes no Brasil são relacionados ao uso de drogas. As taxas de mortalidade associadas ao uso de drogas mostram que o álcool é associado a cerca de 90% das mortes. Assim, o álcool seria responsável pela morte de 3,9 pessoas em cada 100.000 habitantes no Brasil. (Duarte, Stempliuk, & Barroso, 2009, p. 346).

Este fenômeno da modernidade configura-se como um verdadeiro fenômeno de massa. Com essa expansão, que vem ocorrendo desde a década de 50 no século passado, os usuários de drogas deixaram de ser considerados como um tipo marginal no contexto social para serem identificados como nossos amigos, irmãos, vizinhos, colegas de trabalho (Silveira Filho, 1995 citado por Pratta & Santos, 2006).

Ao retratar o uso de substâncias psicoativas, os autores, de uma certa maneira, tendem a apresentar a drogadição como um sintoma que revelaria problemas na organização pulsional do sujeito. Destaca-se, ainda, que o sujeito é pensado como intrinsecamente social e que possui uma afetividade constitutiva que gera conflitos, mas que o torna um ser gregário (Plastino, 2000, citado por Pratta & Santos, 2012). Estes determinantes dão o colorido às motivações específicas de cada indivíduo para o uso de drogas, combinadas com um conjunto de fatores diretamente relacionados às diversas facetas da vida social, dentre essas a família (Pratta & Santos, 2012). Freud (1930) já enfatizava a função das drogas como um oásis que propicia alento frente ao mal-estar vinculado às renúncias de gratificação pulsional impostas

pela civilização, alívio de um sofrimento suscitado pelo peso da realidade como obstáculo à busca do prazer.

O conceito de adolescência como período evolutivo só começa a se organizar entre as duas grandes guerras, (Outeiral, 2001, citado por Pratta & Santos, 2012), sendo que a sua delimitação enquanto fase do desenvolvimento somente foi possível após a Segunda Guerra Mundial, o que estimulou, a partir dos anos 50, um caloroso debate sobre o termo, seus conteúdos e suas implicações. A adolescência, então, passa a ter um status legal e social diferenciado, sendo necessário criar para ela disciplina, regulamentação e proteção, uma vez que os adolescentes desse período formavam um grupo muito diversificado, marcado por gostos e valores contraditórios, bem como por intensos conflitos internos (Passerini, 1996, citado por Pratta & Santos, 2012). No âmbito mundial essas ideias são divulgadas e incorporadas, considerando-se, é claro, as diferenças culturais.

A Constituição Federal do Brasil (1988), em seu art. 227, assegura à criança e ao adolescente, além do direito à vida, à cultura, à saúde, ao lazer etc., também o direito à dignidade e à convivência familiar. A família é um conjunto não só de direitos, mas principalmente de deveres dos pais. O ser humano, enquanto criança e adolescente, é dependente de seus pais, não só na criação, educação e sustento, como também no aspecto afetivo. Ter filhos é uma prerrogativa que, se exercida, não se restringe ao apoio material, pois isso é insuficiente para a construção do indivíduo.

Discutir a adolescência ainda hoje é tarefa bastante complexa, visto que esta é considerada como um fenômeno moderno, ou seja, uma metáfora da modernidade, podendo ser abordada como uma construção social e cultural considerada de diferentes formas ao longo desse processo. Em diferentes contextos, a adolescência costuma ser investida de símbolos e valores específicos condizentes com cada período histórico (Pratta & Santos, 2012).

Essa fase é única em toda a vida do indivíduo, na qual são vivenciadas simultaneamente todas as transformações físicas, psíquicas, biológicas e sociais, um turbilhão de informações que traz responsabilidades e inseguranças. Toda essa mudança causa angústia, motivo talvez pelo qual o adolescente se olhe tanto no espelho, na busca de ser desejado, amado, acolhido (Jordão, 2008). Um período de transformações, nem criança, nem adulto, nesse encontro com esse espelho, sem perspectivas, sem um olhar acolhedor, uma busca na maioria das vezes vazia e sem o sentimento de pertença. Podemos dizer que se trata de um período de luto, uma reação à perda de um ente querido ou de ideias (Freud, 1914-1916).

Freud, em seu texto sobre a transitoriedade, relata que nas etapas iniciais do desenvolvimento, a libido é dirigida no sentido de nosso próprio ego, depois, essa libido é desviada para os objetos, que também num certo sentido retornam ao ego. Caso esses objetos sejam destruídos ou perdidos, a libido será mais uma vez liberada e poderá ser substituída por outros objetos ou retornar temporariamente ao ego (Freud, 1914-1916). Esse processo de perda que é vivenciado pelo adolescente, quando ele deixa de ser criança, se constitui numa busca por uma nova identidade. O adolescente vivencia o luto da renúncia de seus objetos perdidos em busca de novos para substituí-los. Portanto, se trata de um momento de escolhas “o que eu quero?”, “quem eu sou?”, e de conflitos: “será que a vida tem algo de bom a me oferecer?”. Essas mudanças, tanto fisiológicas quanto psicológicas, causam transformações na percepção em relação a si próprio e aos outros - um período de fragilidade egóica, um retorno narcísico, questões acerca da família, de si e da sociedade como um todo, uma busca por novos desafios e por isolamento, um período de ambivalência (Kessler *et al.*, 2003).

Esse retorno narcísico tem suma importância para compreensão da dinâmica psíquica dos vínculos, como a construção de nossa autoestima, o cuidado que temos com nós mesmos e a possibilidade de sentirmos que temos força para lidar com os problemas e frustrações, tão fundamentais para nosso desenvolvimento (Oliveira, Souza, & Macêdo, 2013). Segundo Freud (1914), o narcisismo secundário constitui uma atividade de desinvestimento em objetos externos e investimento no próprio ego, que leva a vários mecanismos defensivos primitivos dos quais o indivíduo lança mão para sobreviver no enfrentamento da angústia. Esse fenômeno indica que houve uma desistência da relação de objeto, que pode ser decorrente da frustração vivenciada no vínculo primitivo, e que deixou marcas profundas na psique, vivenciadas como buracos, faltas, morte.

Atravessar a etapa evolutiva da adolescência é uma experiência vital que, inevitavelmente, envolve sofrimento psíquico. Por essa razão, o envolvimento familiar é extremamente importante, por ser um processo evolutivo primordial, em que existe tanto uma desestruturação quanto uma reorganização estrutural da personalidade, onde a energia libidinal causa tensão, gerando comportamentos inadequados em busca de sua configuração adulta. Correr riscos para o adolescente é uma maneira de reconhecer o poder que ele exerce sobre o seu novo e desconhecido corpo (Clerget, 2004 citado por Pratta & Santos, 2012).

Família

Etimologicamente, a palavra ‘família’ origina-se do latim *famulus*, que significa escravo, e até o século XV era o termo utilizado para se referir aos serviçais do dono de uma propriedade. A partir de então, seu significado foi ampliado, englobando todos os membros da casa (Sluzki, 1997, citado por Lins & Scarparo, 2010). Atualmente, refletir sobre a definição de família implica ter em conta inúmeras transformações que caracterizam a contemporaneidade, que alteraram as relações interpessoais e, como decorrência, observam-se mudanças significativas nas composições dos sistemas familiares. Em função disso, Zimerman e Osório (1997, citado por Lins & Scarparo, 2010) afirmaram tratar-se de um conceito amplo e multifacetado que assume diferentes modalidades de convivência humana, motivo pelo qual é mais viável descrevê-la do que conceituá-la. Sendo um conceito amplo e tendo como característica a diversidade, há inúmeros fatores que poderão implicar no uso ou não de drogas por parte dos adolescentes.

O cenário familiar é contexto de construção de práticas culturais, de modo de olhar e de agir engendrado em uma intrincada rede de símbolos e significados (Lins & Scarparo, 2010). A identificação com os pais não é inicialmente uma consequência ou resultado de uma catexia objetal, e nem uma transferência de força em seu objeto de desejo, está para além disso, é uma identificação direta e imediata e se verifica mais cedo do que qualquer catexia objetal (Freud, 1923-1925). A família possui uma função no modo social de pensar, orientando inicialmente o amadurecimento e desenvolvimento biopsicossocial dos indivíduos, apresentando algumas funções primordiais, as quais podem ser agrupadas em três categorias que estão intimamente relacionadas, funções biológicas (sobrevivência do indivíduo), psicológicas e sociais (Pratta & Santos, 2006).

Segundo Damergian (2009), a função biológica principal da família é garantir a sobrevivência da espécie humana, fornecendo os cuidados necessários para que o bebê possa se desenvolver adequadamente. No âmbito psicológico e social, os modelos identificatórios de sua própria construção e de seu inconsciente passam pela dimensão afetiva, ética e moral, sendo uma interação com o outro, lhe dando um lugar simbólico, se descobrindo como sujeito de sua própria construção. Damergian (2009) relata que a barbárie na contemporaneidade civilizatória está sob o julgo do autoritarismo dos Estados, na corrupção, nos falsos líderes, nas “mães e pais sociais” cada vez mais nefastos e narcísicos. Ela traz o pensamento kleiniano (seio-bom, seio-mal) que nos permite compreender a atuação dos adolescentes que reproduzem a barbárie, por meio dessa identificação no seio familiar (mãe-narcísica), fazendo a ponte com a "mãe-sociedade" (barbárie). Segundo a mesma, a família e a sociedade podem

A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO USO DE DROGAS ENTRE OS ADOLESCENTES

ser disseminadoras de modelos saudáveis ou mortíferos de identificação. A contemporaneidade vive uma crise de autoridade e uma desconsideração com o passado (Damergian, 2009). Segundo Reis (2015), o indivíduo sem passado e sem futuro refugia-se no presente, perdendo a capacidade de experienciar, tornando-se dependente do novo e do consumismo, esvaziando sua subjetividade, diante do autoritarismo manipulador das organizações em detrimento da autoridade do pai, ficando refém de uma promessa falsa da realidade e se frustrando, buscando nas drogas um oásis.

Nesse contexto, a família tem um papel fundamental no desenvolvimento do indivíduo, sendo sua primeira referência. Nela o indivíduo constitui seus valores mais intrínsecos. Ela é também mediadora entre o indivíduo e a sociedade, podendo vir a existir condições que possam motivar o desenvolvimento psicológico, físico e social, influenciando o seu comportamento frente ao consumo ou não das drogas. Segundo Roehrs, Lenardt e Maftu (2008), outros fatores corroboram para o consumo de substâncias psicoativas por parte dos adolescentes, como o fácil acesso às drogas lícitas e ilícitas, como também a escassez de políticas públicas que poderiam estimular os jovens a viabilizar projetos junto a sua comunidade e conseqüentemente concretizar seu próprio projeto de vida. O núcleo familiar corresponde também ao primeiro sistema de aprendizado de muitos conhecimentos e crenças, que são construídos, compartilhados e imitados, sendo transmitidas ao adolescente as primeiras regras e valores associados ao convívio social, fazendo com que o jovem possua base para um desenvolvimento psicoemocional adequado quando adulto (Roehrs, Lenardt, & Maftu, 2008). Isto é corroborado pelos resultados de uma pesquisa realizada pela Associação Parceria contra as Drogas em capitais brasileiras, que apontou como fator positivo a proximidade da família com o intuito de diminuir a chance de o adolescente se envolver com álcool, cigarro e outras drogas (Roehrs, Lenardt, & Maftu, 2008). Apesar das inúmeras transformações pelas quais a instituição familiar tem passado nas últimas décadas, as pesquisas apontam especulações acerca da família como elemento de apoio e construção para a formação e transformação do indivíduo e da sociedade. Apesar das crises e mudanças vivenciadas ao longo de sua evolução, a organização familiar apresenta uma intensa capacidade de sobrevivência e adaptação aos movimentos históricos e sociais, o que demonstra sua plasticidade e complexidade (Lins & Scarparo, 2010).

A influência da família no uso de drogas pelos adolescentes é foco de interesse, de estudos e pesquisas, porém, tal interesse parece se vincular constantemente ao comportamento individual do fenômeno, o que despreza ou até mesmo exclui a sociedade como um todo na

delimitação da drogadição (Lins & Scarparo, 2010). Os estudos que relacionam histórico familiar e uso abusivo de drogas tendem, em sua maioria, para a detecção de fatores de risco, sendo necessário articulá-los com os outros fatores sociopolíticos e culturais. É o caso do estudo desenvolvido por Stanton e Todd (1998, citado por Lins & Scarparo, 2010), segundo o qual a drogadição é o resultado de uma combinação de ausência de limites predefinidos aduzida a uma relação pautada pelo vínculo emocional e superproteção. É comum, na história dos pais e mães de drogadictos, sofrimentos e responsabilidades precoces, os quais interferem na capacidade de ocupar o lugar de cuidadores dos filhos (Cirillo *et al.*, 1999, citado por Lins & Scarparo, 2010). O adicto é aquele que estabelece com o objeto relações de voracidade, possessão, mas ao mesmo tempo dependência e escravidão, apresentando desinteresse pelo que não diz respeito ao objeto da adicção (Zidan & Rocha, 2014). Com isso, o adicto é aquele que precisa de um objeto do qual é escravo, dependente, para aplacar seu mal-estar, sua tensão psíquica, à qual ele possui uma tolerância muito baixa. Nas adicções, em cuja base há uma dinâmica pulsional, o desejo surge e se apoia na necessidade, mas não se esgota com sua satisfação (Zidan & Rocha, 2014). Contudo, não se limita a dependência ao objeto droga, incluindo também no campo dessa patologia as adicções ao consumo, ao sexo e ao jogo (Zidan & Rocha, 2014). Essa problemática da adicção também é bem colocada pelos autores Oliveira, Souza e Macedo (2013).

[...] adicções nessas personalidades são frequentes e funcionam como intentos somáticos para dominar a dor. Lidam com a falta interior como algo exterior. O vazio ocorre por causa de uma falta de representação internalizada da instância materna. A economia psíquica aditiva está ligada à psicossomática, com o objetivo de ser uma tentativa somática para achar uma solução. O psicossomático tem dificuldade para simbolizar e, sem a mediação simbólica, o corpo somático fica desvinculado do corpo erógeno. A pulsão de morte é dirigida contra si próprio, ela não é registrada nem elaborada em palavras. O psicossomático é a expressão da fuga da loucura, da dor mental. A somatização aparece como defesa contra a psicose, contra a forte angústia na qual o corpo e a mente se despedaçam. Ela é utilizada como fronteira do ego. Se o corpo adoece, a doença oferece a identidade, a sobrevivência psíquica, tendo como continente para o afeto um órgão físico, expressão de seu sofrimento. É uma expressão infraverbal, pois a sua comunicação ocorre em nível primitivo (Oliveira, Souza & Macedo, 2013, pp. 216-217).

Considerações Finais

A pós-modernidade trouxe mudanças no comportamento e na organização subjetiva do indivíduo. As novas configurações familiares, como as redefinições dos papéis do homem e

da mulher, as novas formas de filiação, enfim composições até pouco tempo impensadas, têm gerado uma crise de referências que atinge diferentes setores da vida humana (Costa, 2005). Segundo a autora, esses aspectos têm implicado o redimensionamento do lugar do pai, tradicionalmente concebido como representante da lei simbólica. Esses questionamentos, muitas vezes, são confundidos com o declínio da função paterna pelo seu papel social e esse declínio tem a ver com a queda do poder do patriarcado. A essa estruturação chamamos de lei simbólica que, no panorama atual, parece deixar lacunas importantes, se tornando ineficiente na função de interdição e limite. Para ela, o sujeito não mais interditado se vê convocado ao excesso e, paradoxalmente, sem referências, fica desamparado.

Nesse contexto, destaca-se a ambivalência afetiva originária pela qual cada sujeito nutre, com relação aos outros, poderosos e paradoxais sentimentos de amor e de ódio. Esses sentimentos dúbios possibilitam a reflexão sobre o parricídio originário (Pratta & Santos 2012). O parricídio, segundo Freud (1928), seria a principal fonte do sentimento de culpa do homem, levando-o à discussão sobre a origem da vida social. Portanto, a psicanálise vem contribuir, entre outros aspectos, para o entendimento dos fenômenos sociais (Mountian, 2002, citado por Pratta & Santos, 2012). A aceitação da lei social não está ligada apenas ao medo que impulsiona o sujeito a aceitar essa condição, limitando a expressão de sua agressividade inerente. Para Freud, existe outro elemento afetivo em destaque, caracterizado por Eros, que é considerado como expressão da luta da espécie humana pela vida, em contrapartida à pulsão de morte (Pratta & Santos, 2012).

Segundo Pratta & Santos (2012), a família tem um importante papel na formação do indivíduo, e as relações feitas no ambiente familiar influenciam, podendo até direcionar, a vida do adolescente. Contudo, percebe-se a importância de novos estudos acerca das relações existentes entre família, adolescência e o consumo de drogas, a fim de desmistificar seu consumo ligado à marginalidade e compreender os meandros subjetivos que compõem todo o cenário.

Diante desta argumentação, questiona-se que a inserção ou não do sujeito no mundo das drogas possa ter uma ligação intrínseca com a busca da sua verdade primeva, que perpassa a busca incessante de um prazer artificial, em busca de suprimir toda dor que não se pode ver. A sociedade, por meio desse canibalismo capitalista, distancia cada vez mais a criatura do seu criador, inebriada pelo ópio falso e fugaz das conquistas civilizatórias, nos tornando reféns de nós mesmos, perpetuando para futuras gerações um falso eu, contextualizado diante de um abandono amparado ou da decadência da lei.

Referências

- American Psychiatric Association. (2014). Transtornos relacionados a substâncias. Em M. I. C. Nascimento *et al.* *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM-V* (5ª ed., p. 483). Porto Alegre: Artmed.
- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm
- Costa, V. A. S. (2005). *Lei simbólica, desamparo e pânico na contemporaneidade estudo psicanalítico*. Recuperado de https://www.maxwell.vrac.pucpr.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=6755@1
- Damergian, S. (2009). *Para além da barbárie civilizatória. O amor e a ética humanista*. São Paulo: Casa do psicólogo.
- Departamento de Psicobiologia UNIFESP/EPM universidade federal de São Paulo. Recuperado de <https://www2.unifesp.br/dpsicobio/drogas/defini.htm>
- Duarte, P., Stempliuk, V., & Barroso, L. (2009). Relatório brasileiro sobre drogas. Brasília: SENAD.
- Freud, S. (1914-1916). *A história do movimento psicanalítico. Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos* (vol. XIV – Luto e Melancolia). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1923-1925). *O ego e o id e outros trabalhos* (vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1927-1931). *O futuro de uma ilusão. O mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago.
- Jordão, A. B. (2008, janeiro-junho). Vínculos familiares na adolescência: nuances e vicissitudes na clínica psicanalítica com adolescentes. *Aletheia*, 27(1), 157-172.
- Kessler, F. *et al.* (2003, abril). Psicodinâmica do adolescente envolvido com drogas. *Revista de Psiquiatria*, 25(1), 33-41. Recuperado de www.scielo.br/pdf/rprs/v25s1/a05v25s1.pdf.
- Lins, M. R. S. W., & Scarparo, H. B. K. (2010, julho-setembro). Drogadição na contemporaneidade: pessoas, famílias e serviços tecendo redes de complexidade. *Psicologia Argum.*, 28(62), 261-271. Recuperado de <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/PA?dd1=3727&dd99=pdf>.
- Neves, J. L. (1996). *Pesquisa qualitativa - características, usos e possibilidades*. Dissertação de Mestrado não publicada, Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas, Universidade de São Paulo. Recuperado de http://ucbweb.castelobranco.br/webcaf/arquivos/15482/2195/artigo_sobre_pesquisa_qualitativa.pdf.

A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO USO DE DROGAS ENTRE OS ADOLESCENTES

- Oliveira, C. P. F., Souza, D. E., & Macêdo, K. B. (2013). *A cultura e a contemporaneidade da clínica psicanalítica*. Goiânia: Editora Kelps.
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. (2012, junho). Adolescência e uso de drogas à luz da psicanálise: sofrimento e êxtase na passagem. *Revista Tempo Psicanalítico*, 44(1). Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382012000100010#nota01a.
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. (2006). Reflexões sobre as relações entre drogadição, adolescência e família: um estudo bibliográfico. *Estudos de Psicologia*, 11(3), 315-322. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382012000100010#nota01a.
- Reis, F. F. S. (2015). *Sem passado e sem futuro: o consumo de drogas na sociedade contemporânea*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Roehrs, H., Lenardt, M. H., & Maftum, M. A. (2008). Práticas culturais familiares e o uso de drogas psicoativas pelos adolescentes: reflexão teórica. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 12(2), 353-357. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=127715310024>.
- Zidan, P. M., & Rocha, R. V. (2014). Trauma e fragilidade narcísica nas adicções. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 3(5).